

Criações endógenas no Kaingang como estratégia de preservação lexical

Endogenous creations in Kaingang as a lexical preservation strategy

Creaciones endógenas en Kaingang como estrategia de preservación léxica

Fabiana Alencar da Silva
fabianalencar7@gmail.com

Gean Nunes Damulakis
damulakis@letras.ufrj.br

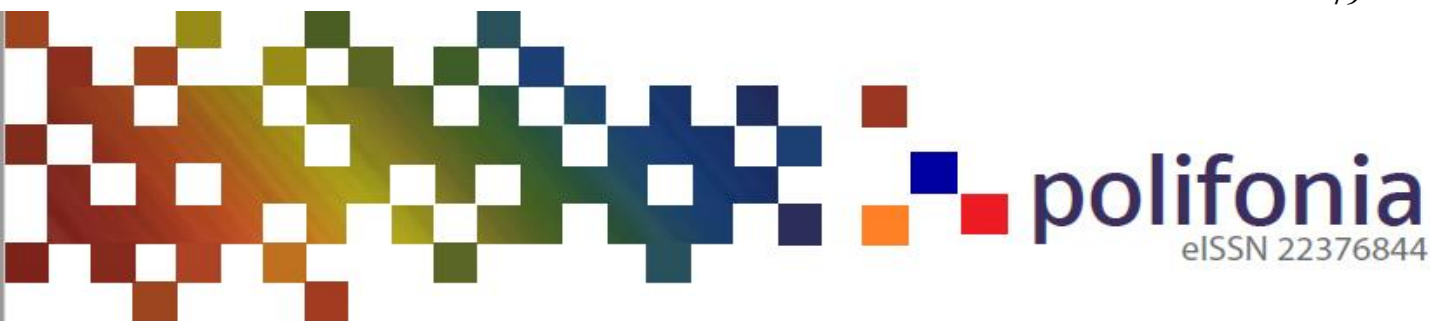
Resumo

Neste artigo apresentamos uma análise da permanência ou desuso de itens lexicais do Kaingang, devido ao contato com o Português Brasileiro. Para isso, traçamos um comparativo de dados coletados em nossa pesquisa de campo feita em 2016 e 2018, nas Terras Indígenas de Nonoai e de Serrinha (Rio Grande do Sul), com dados presentes nas listas vocabulares ou dicionários (*Vocabulário da língua bugre*, 1852; VAL FLORIANA, 1920; WIESEMANN, 2002). Dados coletados recentemente nos permitiram identificar a predominância de dois processos para a nomeação de elementos culturais emprestados: os empréstimos lexicais e as criações endógenas (DAMULAKIS & SILVA, 2020). Baseando-nos na metodologia sociolinguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), a proposta central deste trabalho foi descrever criações endógenas em competição com os empréstimos, uma vez que a preferência pela primeira estratégia pode indicar uma atitude linguística de preservação lexical da língua indígena, por parte dos falantes. Também discutimos a relevância de tornar conscientes esses processos no ensino da língua indígena materna e para os falantes em geral, de modo que possam servir como ferramentas de preservação lexical da língua minorizada.

Palavras-chave: empréstimos, criações endógenas, preservação lexical.

Abstract

In this paper, we present an analysis of the permanence or disuse of lexical items in Kaingang, facing the contact with Brazilian Portuguese. To do so, we compared our data collected in field work done in 2016 and 2018, in the Indigenous Lands of Nonoai and Serrinha (Rio Grande do Sul, Brazil), the ones in the vocabulary lists or dictionaries (*Vocabulário da língua bugre*, 1852; VAL FLORIANA, 1920; WIESEMANN, 2002). Some recently collected data allowed us to identify the predominance of two processes for naming borrowed cultural elements: lexical borrowing and endogenous creations



(DAMULAKIS & SILVA, 2020). Based on the sociolinguistic methodology (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), the main purpose of this work was to describe the competition between endogenous creations and lexical borrowing, since the preference for the first strategy may indicate a linguistic attitude of lexical preservation of the indigenous language, by the speakers. We also discussed the relevance of making people aware of these processes in mother tongue teaching and for speakers in general, so that they can serve as tools for the lexical preservation of the minoritized language.

Keywords: loanwords, endogenous creations, lexical preservation.

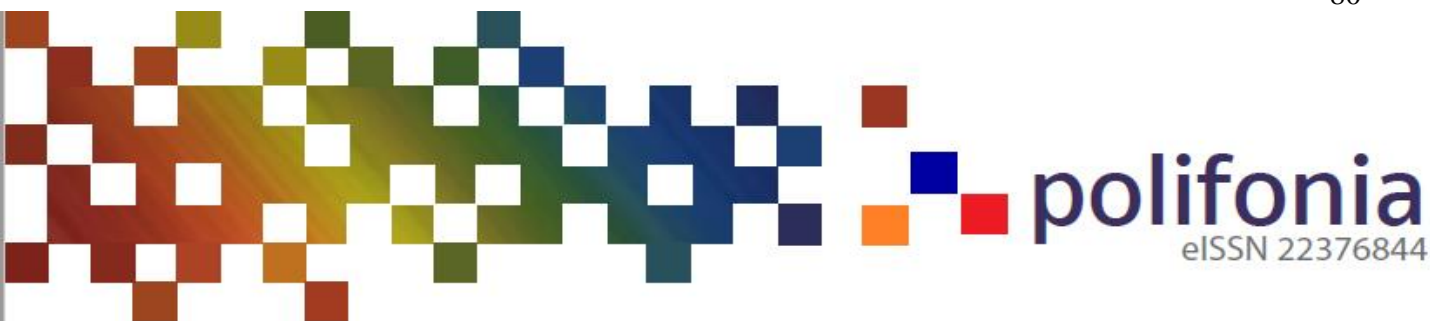
Resumen

En este artículo presentamos un análisis de la permanencia o desuso de los elementos léxicos de Kaingang, debido al contacto con el portugués brasileño. Para eso, hicimos una comparación de los datos recopilados en nuestra investigación de campo realizada en 2016 y 2018, en las tierras indígenas de Nonoai y Serrinha (Rio Grande do Sul, Brasil), con datos presentes en las listas de vocabulario o diccionarios (*Vocabulario del idioma bugre*, 1852; VAL FLORIANA, 1920; WIESEMANN, 2002). Datos recopilados recientemente nos permitieron identificar el predominio de dos procesos para nombrar elementos culturales prestados: préstamos léxicos y creaciones endógenas (DAMULAKIS & SILVA, 2020). Basado en la metodología sociolingüística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), el propósito central de este trabajo fue verificar las creaciones endógenas en competencia con los préstamos, ya que la preferencia por la primera estrategia puede indicar una actitud lingüística de preservación léxica de la lengua indígena por parte de los hablantes. Discutimos la importancia de conciencia de estos procesos en la enseñanza de la lengua materna y para los hablantes en general, para que puedan servir como herramientas para la preservación léxica de la lengua minorizada.

Palabras-clave: préstamos léxicos, creaciones endógenas, preservación léxica.

1. Introdução

As línguas estão intimamente relacionadas com as transformações histórico-culturais, que podem influenciar diretamente a fonologia, a morfologia, a sintaxe e o léxico de qualquer comunidade. Essas transformações, nas quais os falantes estão inseridos, fazem com que, por exemplo, ao lado de outras consequências para a língua, palavras entrem em desuso e que outras, em contrapartida, passem a existir, possibilitando uma constante inovação no léxico. Nesse sentido, podemos afirmar que as mudanças no léxico estão atreladas, de algum modo, também às mudanças culturais, como um meio de atender às necessidades comunicativas, resultantes de novas circunstâncias.



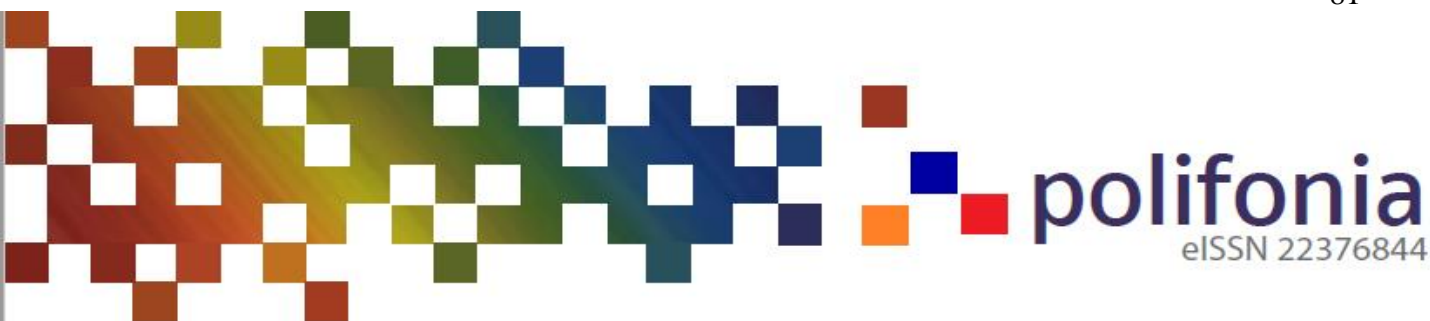
No Brasil, o contato entre as línguas indígenas com a língua portuguesa, em especial, a partir da metade do século XVIII,¹ causou impactos significativos, sobretudo, aos povos indígenas, impondo mudanças em suas línguas ou mesmo causando a extinção de grande parte delas. A partir dessa época, com a instituição da língua portuguesa como língua oficial no território brasileiro, a influência do português tem alcançado, em maior ou menor grau, as línguas indígenas, tornando-se cada vez mais necessário o domínio do português. Sendo assim, dependendo do grau de contato e do uso das línguas (índigena e português), essa situação pode contribuir não só para o aumento do bilinguismo, como, em contrapartida, para o monolinguismo em português.

Numa situação de bilinguismo crescente, às vezes, com grande tendência ao monolinguismo, o léxico da língua ancestral pode sofrer impactos relevantes, como a substituição gradativa de itens linguísticos por empréstimos. Considerando esses aspectos, nossa pesquisa tem buscado descrever e analisar dois processos de inovações lexicais encontrados no Kaingang, a partir do contato com o Português Brasileiro (PB), que são os empréstimos lexicais e as criações endógenas² (DAMULAKIS & SILVA, 2020; SILVA & DAMULAKIS, 2017). No primeiro processo, são transferidos, de uma língua para a outra, itens lexicais, os quais podem sofrer adaptações fonético-fonológicas, como em *kãvãru*³ [kõwõ'ru] ('cavalo'), ou não, como em *trem* ['trẽj] ('trem'). Já o segundo processo configura casos nos quais apenas os recursos da língua alvo (aqui, o

¹ Em 1757, durante o período do Brasil colonial, a lei do *Directório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão*, que foi instituída por Marquês de Pombal, tinha como o principal objetivo integrar os indígenas à sociedade colonial, impondo, assim, a obrigatoriedade da Língua Portuguesa e a proibição da língua geral, a qual era corrente no território. Segundo Trouche (2001), “a grande luta travada pelos colonizadores portugueses, nos primeiros tempos da colonização do Brasil, não foi contra os indígenas, mas contra europeus em suas constantes incursões à nova terra americana”. Dessa forma, a implantação da língua portuguesa como a língua nacional, tinha, sobretudo, um caráter político de assegurar que as terras brasileiras pertenciam à Coroa Portuguesa. Mas, além disso, essa Reforma Pombalina também tinha um “caráter civilizatório” e de aculturação dos indígenas.

² Segundo Damulakis e Silva (2020, p. 338), as criações endógenas são processos de inovação lexical utilizando-se apenas de recursos da língua criadora, que se mostram alternativos à adoção de empréstimos, em situações de contato linguístico-cultural.

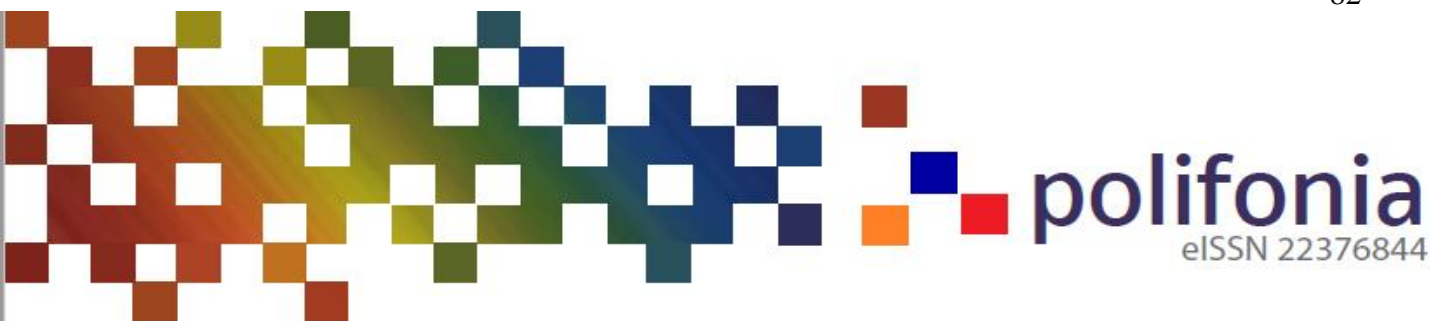
³ Usaremos a ortografia vigente Wisemann (2002).



Kaingang) são utilizados para construção de novas palavras, como em *goj kron fã* (água + beber + nominalizador; literalmente: ‘bebedor de água’), para ‘bebedouro’.

O Kaingang é falado nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e a oeste de São Paulo. Essa língua indígena brasileira pertence ao ramo Jê Meridional (família Jê, tronco Macro-Jê) (cf. RODRIGUES, 1986). No contexto de contato com o PB, o Kaingang enquadra-se em decorrência do fato de que grande parte da população possui um alto grau de bilinguismo e, muitas vezes, torna-se monolíngue em PB. Um dos fatores que contribui para essa situação é o contato intenso (e conflituoso) com a sociedade envolvente, fazendo com que a comunidade indígena sofra pressões sociais externas que refletem na própria língua, como podemos notar com a entrada expressiva de empréstimos advindos do PB. Em contrapartida, a adoção das criações endógenas pode constituir uma reação, consciente ou inconsciente, a esse processo de proliferação de empréstimos do PB.

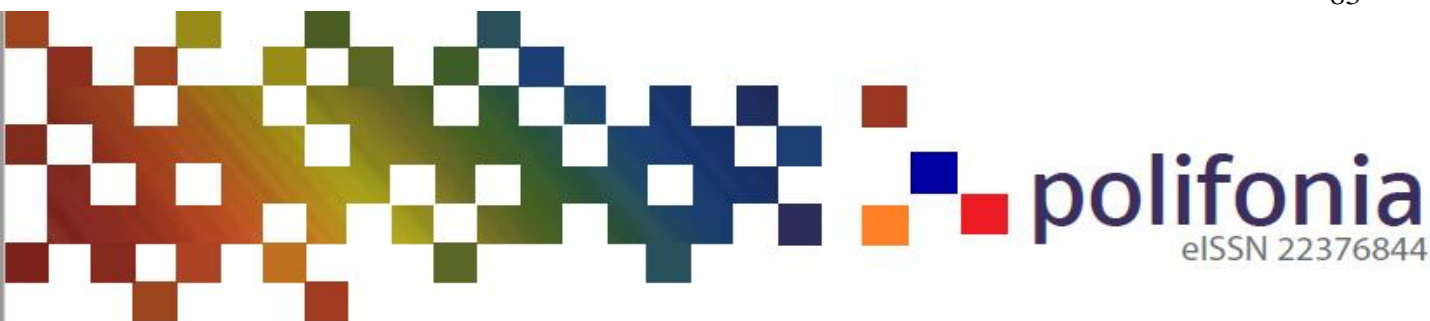
Vale ressaltar que a adoção de empréstimos é um recurso linguístico natural e que ocorre potencialmente em todas as línguas. É comum, por exemplo, que a gramática da língua atue nos elementos emprestados, como em processos de afixação (flexão e derivação) nativos. No entanto, a introdução dos empréstimos em uma língua pode ocorrer de diferentes formas, o que pode também envolver relações entre fatores sociais. Conforme Carvalho (2009, p. 8), os empréstimos resultam “de um contato entre populações que passam a conviver em um mesmo território; outros são decorrentes do predomínio cultural de um país ou de uma região durante uma certa época”. A autora ainda acrescenta que outros empréstimos podem ser “resultantes do poder econômico de uma nação, que em função desse poder, consegue um grande desenvolvimento científico e tecnológico” (CARVALHO, 2009, p. 8). Desse modo, apesar da recorrência a empréstimos ser algo comum a todas as línguas, a relação de poder social pode desencadear, até mesmo, a entrada veloz no léxico de uma comunidade linguística. É nesse sentido, então, que investigamos a situação de variação do uso de empréstimos e criações endógenas, compreendendo que quando falantes estão expostos a duas línguas



em um contexto diglótico, como acontece na situação das línguas indígenas e o PB, a opção por evitar empréstimos pode ser por garantir a identidade na língua de identidade étnica (no nosso caso, a indígena).

Neste artigo, apresentamos as criações endógenas no Kaingang como uma estratégia de preservação lexical adotada entre muitas comunidades indígenas, frente ao contato assimétrico com a sociedade não indígena e a pressões sociais que demandam o uso do PB. Esse processo mostra-se muito produtivo no Kaingang, bem como pode ser visto em outras pesquisas, como em Mesquita & Braggio (2012) com a língua Xerente (Jê), em Santos (2014) com a língua Krahô (Jê), em Dourado & Praça (2016) e Tavares & Braz (2015) com os Guarani e Kaiwoá (Tupi), entre outros. O que as classificações desses trabalhos consideram ou como ‘neologismos’ ou como ‘empréstimos por criação’ é o que estamos aqui denominando como criações endógenas (DAMULAKIS & SILVA, 2020), as quais, constituindo-se um tipo de neologismo, são geradas intralinguisticamente para nomear referentes inseridos por empréstimo cultural, a partir do contato com sociedades não indígenas. Dessa forma, criações endógenas competem com os empréstimos lexicais.

Baseados em nossa coleta de dados na pesquisa de campo, realizada em 2016 e 2018, nas Terras Indígenas de Nonoai e Serrinha (Rio Grande do Sul), foi possível observar dois comportamentos das criações endógenas no Kaingang: a) criações feitas como uma atitude linguística (inconsciente ou consciente) do falante para evitar uso do empréstimo do PB; b) criações já incorporadas ao léxico da língua, demonstrando uma estabilidade no uso. Diante desse quadro, o nosso objetivo central é apresentar tendências de mudanças no léxico do Kaingang, por meio de uma análise comparativa dos dados coletados em nossa pesquisa com dados presentes na lista vocabular *Vocabulário da língua bugre* (1852), e nos dicionários de Val Floriana (1920) e de Wiesemann (2002). Além disso, também apresentaremos a nossa proposta tipológica das criações endógenas, a qual abarca os comportamentos desse processo de inovação lexical.



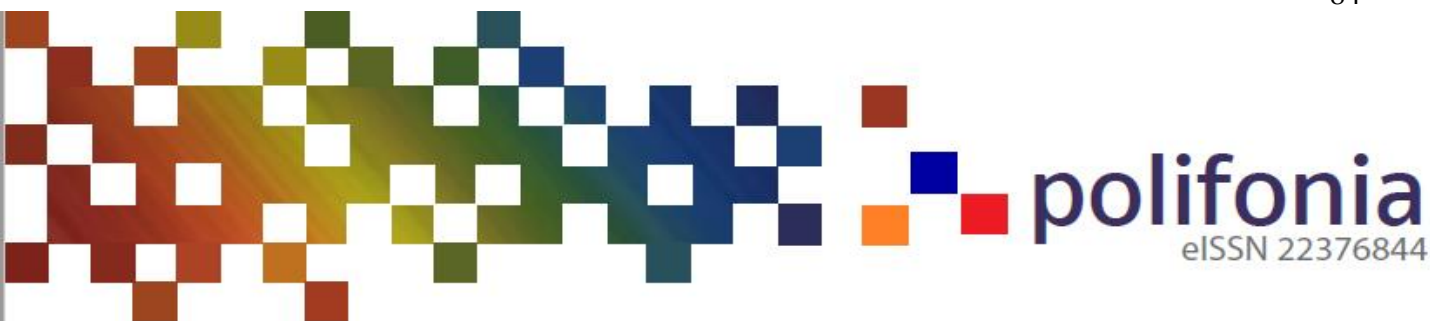
Consideramos que a nossa pesquisa pode contribuir para estudos sociolinguísticos e trabalhos relacionados ao léxico em comunidades indígenas, uma vez que condicionamentos sociais têm-se demonstrado relevantes para a utilização mais frequente de um dos processos. Além disso, assumimos que a criação endógena se utiliza de recursos próprios da língua, refletindo, de certa forma, a cosmovisão nativa (no nosso caso, dos Kaingang), ao nomear um referente que está sendo introduzido na língua/cultura. Dessa forma, acreditamos que o conhecimento sobre esse tipo de inovação lexical pode contribuir para discussões que visem a mitigar o etnocídio, podendo também servir de instrumento para atualizações e elaboração de materiais que busquem preservar constantemente o uso da língua materna.

1. Os Kaingang

De acordo com o Censo (IBGE, 2010), os Kaingang são o terceiro⁴ maior povo indígena em tamanho populacional no território brasileiro, com cerca de 37.470 pessoas, e que habita os estados do Rio Grande do Sul, Paraná, de Santa Catarina e de São Paulo. O Kaingang, conforme Rodrigues (1986), pertence ao tronco Macro-Jê, integrando-se à família Jê. Além disso, considerando a proposta feita pelo linguista de uma subdivisão em ramos para as línguas pertencentes à família Jê, o Kaingang integra-se mais estritamente ao Jê Meridional (RODRIGUES, 1986), junto com o Xokleng.

Atualmente, os Kaingang vivem em 30 Terras Indígenas (T.I.) demarcadas nos estados da região sul e a oeste de São Paulo, as quais representam uma pequena parcela de seus territórios tradicionais. Historicamente, há registros de que os Kaingang ocuparam um vasto território “mais ou menos correspondendo à expansão maior das florestas de pinheirais (o que significa: vastas regiões do Paraná e Santa Catarina, a região do sul-sudoeste paulista, o planalto riograndense e parte de Misiones, na Argentina)”

⁴ O Kaingang fica em terceira posição, atrás dos povos Tikuna e Guarani Kaiowá, como visto a seguir e os dados: Tikuna com 46.045 pessoas; Guarani Kaiowá > 43.401; Kaingang > 37.470 (IBGE, 2010).



(D'ANGELIS, s/d).⁵ Ainda sobre a questão territorial, Silva (2017, p. 17) afirma que “[A]ssim como os casos relacionados à demarcação de terra para os povos indígenas brasileiros, as áreas demarcadas para a população Kaingang apresentam uma redução significativa, sendo ocupadas muitas vezes por não indígenas”.

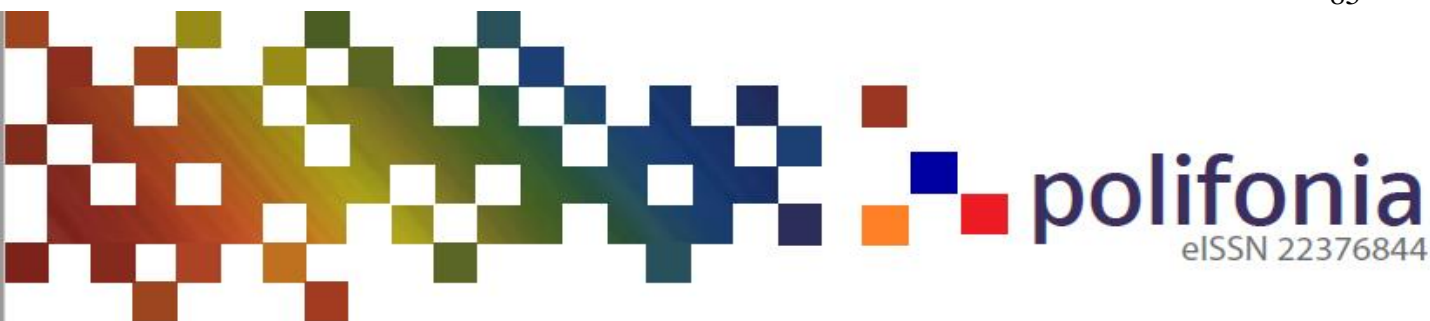
Conforme Wieseemann (2002), são considerados cinco variedades faladas na língua: a variedade de São Paulo, falada ao norte do rio Paranapanema, no estado de São Paulo; a variedade do Paraná, falada na área compreendida entre os rios Paranapanema e Iguaçu; a variedade Central, falada na área entre os rios Iguaçu e Uruguai; a variedade Sudoeste, falada ao sul do rio Uruguai e ao oeste do rio Passo Fundo; e, por fim, o dialeto Sudeste, falado ao sul do rio Uruguai e ao leste do rio Passo Fundo. Os dados coletados e considerados para este trabalho são, seguindo a classificação da autora, da variedade Sudoeste.

2. Mudança, léxico e o contexto indígena

A Sociolinguística Variacionista (também conhecida como Teoria da Variação e Mudança) estuda “a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (MOLLICA, 2015, p. 9). Assim, a Sociolinguística defende que não há como estudar a língua como uma estrutura autônoma, uma vez que parte do pressuposto de que ela é uma instituição social. Desse modo, o objeto de estudo dessa corrente linguística é a variação, entendendo-a “como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (Ibidem, p. 10).

Ao lado da variação, a mudança linguística torna-se fundamental para o desenvolvimento dos estudos na área. Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2016, p. 125), “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica

⁵ Trecho retirado do texto intitulado *Panorama da história kaingang*, escrito pelo linguista Wilmar D'Angelis. Disponível no site Portal Kaingang.

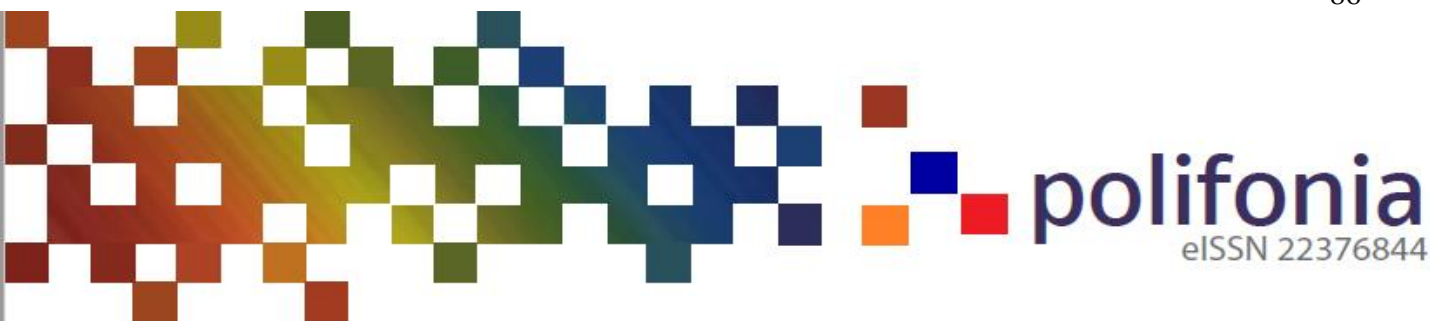


mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. Sendo assim, a variação é necessária para verificar se a língua falada por uma comunidade está em estágio de mudança em curso ou se é uma variação estável.

Uma vez que a língua é dinâmica, a mudança é inerente ao sistema linguístico e, assim, as línguas mudam gradualmente. Em linhas gerais, a mudança linguística pode ou não ocorrer por conta de fatores linguísticos e fatores sociais. Uma forma de observar essa mudança é por meio do léxico. Segundo Biderman (2001, p. 179), o léxico “se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais/culturais acarretam mudanças nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer”. Assim, uma extensão possível da afirmação de Biderman seria sustentar que o contato linguístico pode contribuir para o abandono ou para a diminuição do uso de unidades lexicais nativas, apoiados no surgimento de novos vocábulos que atendem à mesma necessidade comunicativa.

Considerando a situação multilíngue do Brasil, as transformações sociais resultantes da chegada de sociedades europeias ao território e contato pouco amistoso com os povos autóctones aceleraram o desaparecimento de nações indígenas e trouxeram mudanças culturais que refletem até hoje nos próprios sistemas linguísticos. Apesar de haver reconhecimento de um país multilíngue, ainda se caminha a passos lentos para promover um valor social das línguas indígenas em relação à língua portuguesa, língua nacional e oficial. Essa relação assimétrica, ligada à realidade sociopolítica brasileira, conduz ao uso massivo de empréstimos⁶ lexicais em muitas comunidades indígenas, já que o domínio (na escrita e na fala) do PB é cada vez mais necessário para ascensão social

⁶ Podemos observar o quanto o empréstimo linguístico é um processo natural e que ocorrem em todas as línguas naturais, quando observamos casos como o termo *Topê* no Kaingang, empréstimo adaptado de *Tupã* (‘Deus’) em Guarani (D’ANGELIS, 2003, p. 2-3). Casos assim mostram-nos que os empréstimos contribuem para atualizações lexicográficas, por exemplo, sem desestabilizar os sistemas linguísticos. É esse fator de estabilidade que aqui temos tentado problematizar ao correlacionar a entrada dos empréstimos do PB em comunidades indígenas em diversos campos semânticos.

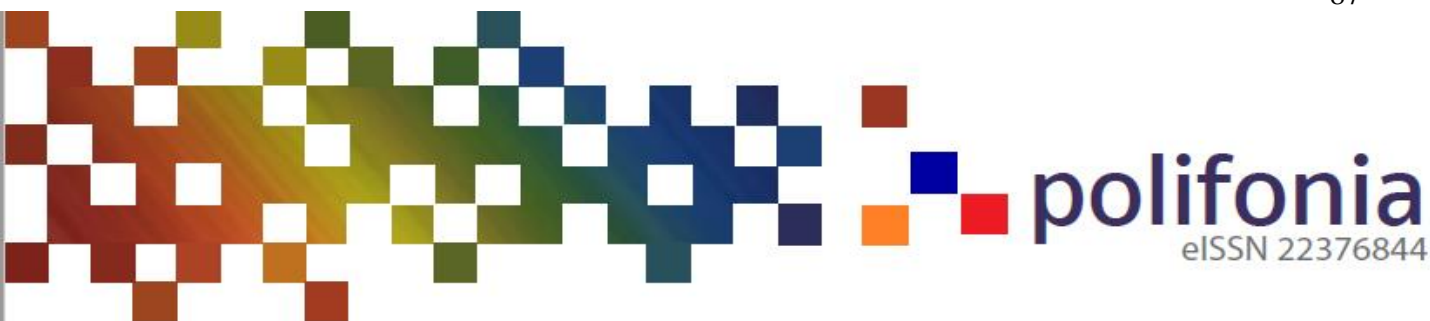


e, também, devido ao contato através de meios de comunicação, nos quais é veiculada a língua oficial e de prestígio.

Muitas formas de luta pela preservação da identidade indígena são constantemente pesquisadas em diversas áreas de estudo, além de iniciativas entre os próprios indígenas, possibilitando o fortalecimento e a manutenção cultural e linguística. Exemplo digno de nota é o de política linguística adotada pela Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa (DOURADO & PRAÇA, 2016), entre os Tapirapé, um povo Tupi localizado na região nordeste do estado de Mato Grosso. O contato com os não indígenas promoveu uma história marcada por decréscimo populacional desse povo. A pesquisa de Dourado e Praça (2016) nos apresenta uma proposta de política linguística de substituição dos empréstimos do português por neologismos em Tapirapé, com o intuito de promover a preservação de padrões culturais e linguísticos.

Esse trabalho teve início com a participação de crianças e jovens da Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa do projeto de utilização dos novos vocábulos em Tapirapé e difusão em casa e na comunidade. A iniciativa advinda do professor e linguista Josimar Xawapare¹ymi Tapirapé, em 2010, evidenciou que “as pessoas mais velhas, há tempos, criavam vocábulos em Tapirapé para os objetos da cultura não indígena que iam sendo introduzidos em suas vidas, como no caso de o *ʼyɛpakxyiãwa* ‘tesoura’” (DOURADO & PRAÇA, 2016, p. 7). Com isso, o professor começou a trabalhar com seus alunos, buscando substituir por neologismos os empréstimos do português, como “‘bola’, ‘bolacha’, ‘trave’, ‘arame’ entre muitos outros, por novos vocábulos em tapirapé” (DOURADO & PRAÇA, 2016, p. 7). Vale destacar a percepção do professor sobre o uso de neologismos, provenientes do contato, pelas pessoas mais velhas, evidenciando uma resistência maior entre essa faixa etária pelo uso dos empréstimos, bem como, pudemos observar entre os Kaingang (SILVA, 2017).⁷ É nesse contexto que acreditamos que o

⁷ Para mais informações a respeito da classificação dos empréstimos e a correlação entre a faixa etária e o uso de empréstimos e criações endógenas, ver SILVA (2017), disponível em: <https://lefufri.files.wordpress.com/2018/02/tcc-fabiana-alencar-2017-versc3a3o-final.pdf>



estudo sobre as criações endógenas servirá como subsídio para a preservação lexical, não só para trabalhos sobre a língua Kaingang, como também para desenvolvimento de pesquisas sobre materiais didáticos para essa e outras línguas indígenas.

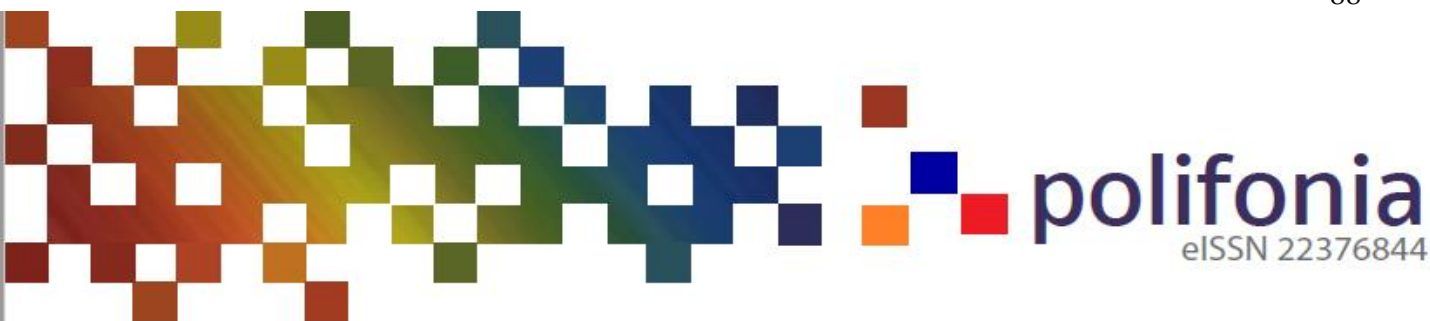
3. Procedimentos metodológicos

Este artigo é um recorte da nossa pesquisa sobre inovações lexicais no Kaingang desenvolvida desde 2015. Ao longo do trabalho, observamos os dados em tempo aparente no qual resultaram, preliminarmente, que as criações endógenas foram mais utilizadas entre os mais velhos, enquanto empréstimos não adaptados foram mais frequentes entre os mais jovens e os empréstimos adaptados obtiveram baixa ocorrência (SILVA, 2017, p. 19). Diante desse cenário, muitos desdobramentos ocorreram, sobretudo, em relação às criações endógenas, além da perspectiva histórica que temos tentado construir para observação de mudanças no léxico do Kaingang. Nosso objetivo aqui é na constituição interna das criações endógenas e, a partir daí, traçamos uma análise comparativa com registros presentes em listas vocabulares, observando a variação entre os processos de empréstimos e criações endógenas.

De modo breve, mostraremos, a seguir, as tarefas realizadas para a coleta de dados, realizada em 2016 e em 2018, nas T.I. de Nonoai e de Serrinha (Rio Grande do Sul) e, também, a seleção das listas vocabulares sobre a língua Kaingang (*Vocabulario del idioma bugre*, 1852; VAL FLORIANA, 1920; WIESEMANN, 2002).

3.1. Análise em tempo aparente

De acordo com Paiva e Duarte (2003, p. 14), a análise da mudança, através do estudo em tempo aparente, demonstra um estágio da língua que pode ser refletido, a partir do comportamento linguístico de cada geração, pois “com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes, gradativamente, substituirão aquelas que caracterizam o desempenho linguístico dos falantes de faixas etárias mais avançadas”. Baseando-nos



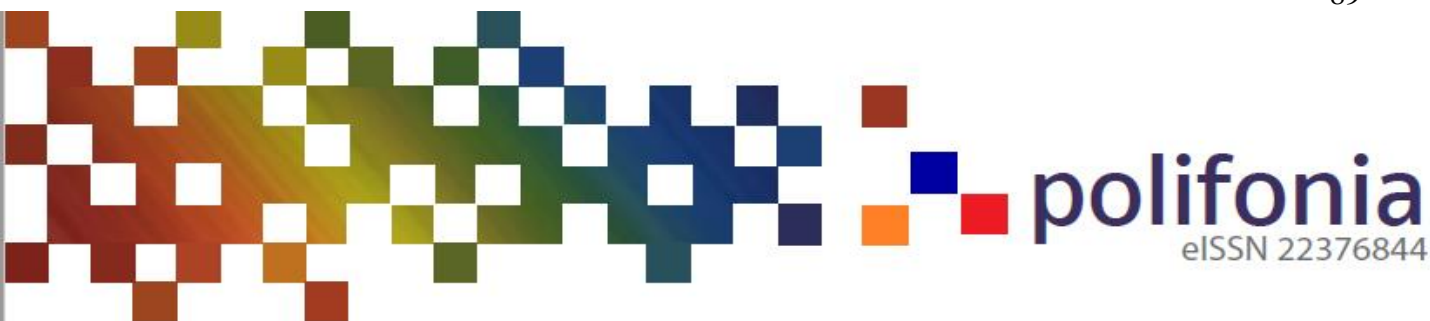
nesse construto do tempo aparente, coletamos dados de inovações lexicais no Kaingang, em 2016 e 2018, e realizamos uma tarefa de elicitación⁸ em que solicitávamos aos falantes que nomeassem em Kaingang o que visualizavam nas imagens, apresentadas em *slides*. As nomeações foram respondidas oralmente e gravadas.

O segundo estágio dessa coleta constituiu da transcrição ortográfica dos dados, com o auxílio de dois professores bilíngues, apoiando-se na ortografia vigente do Kaingang (ver WIESEMANN, 2002). Após essa etapa, foram catalogadas inovações lexicais observadas na língua Kaingang. Por exemplo, itens respondidos em Kaingang como *kavãru* [kõwõ'ru] 'cavalo' e *padre* ['padrɪ] 'padre', com ou sem adaptações fonético-fonológicas, classificamos como empréstimos lexicais do PB. Outras ocorrências, como *jẽnky kusũg fã* (boca + avermelhar + nominalizador, trad. lit.⁹ "avermelhador" de boca), para 'batom', foram classificadas como criações endógenas (SILVA & DAMULAKIS, 2017), pois não há pressões linguísticas do PB sobre a língua indígena, apesar de as criações serem para um referente culturalmente emprestado dos falantes de PB.

A construção da lista de palavras para a elicitación é baseada nos campos semânticos presentes nos trabalhos de Haspelmath (2009) e de Mesquita (2009). Ambos os autores propõem uma lista de itens lexicais distribuídos em mais de dez campos semânticos para a criação de um banco de dados. Elencamos os campos semânticos (CS) presentes em ambos os trabalhos e também um equilíbrio entre CS que pudessem ser mais resultantes do contato com a sociedade não indígena, como Transporte, Escola, por exemplo, com campos de natureza comum a todas as sociedades, como Casa, Animais.

⁸ Vale ressaltar que, apesar de a metodologia Sociolinguística ter como objeto de estudo a fala espontânea (vernáculo), para a nossa pesquisa utilizamos a elicitación de dados, pois, como a nossa análise é o componente lexical, a adoção dessa metodologia nos garante uma maior comparação entre os falantes.

⁹ Tradução literal.



Assim, em nossa pesquisa, utilizamos 9 campos, conforme apresentados a seguir, com o total de 79¹⁰ palavras selecionadas para a análise em tempo aparente.

Tabela 1: Campos semânticos selecionados na pesquisa

Campo semântico	Número de palavras	Exemplo de referente em PB
Animais	6	boi, cachorro, cavalo
Casa	10	cofre, ventilador, chave
Comida e bebida	7	café, sorvete, refrigerante
Escola	15	bebedouro, livro, calculadora
Ferramentas	6	martelo, serra, prego
Religião e crença	4	padre, pastor, bíblia
Transportes	7	carro, avião, bicicleta
Utensílios	7	colher, prato, garrafa
Vestuários, higiene e acessórios	17	guarda-roupa, guarda-chuva, relógio
Total	79	

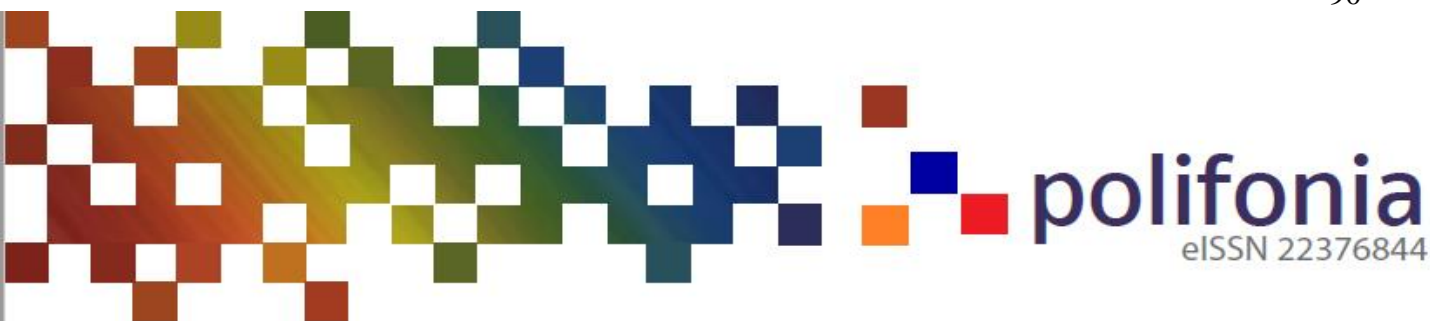
Sendo assim, baseando-nos nesse construto teórico de tempo aparente da Sociolinguística, para o levantamento de dados linguísticos em nossa pesquisa, foram selecionados 18 (dezoito) consultores Kaingang, todos bilíngues. Vale ressaltar que contamos com a ajuda de professores indígenas para a transcrição ortográfica.

Tabela 2: Exemplos de dados no Kaingang com total de 18 falantes

Referente	‘avião’	Número de tipologia usado	‘apagador’	Número de tipologia usado
Dados	avião	11	apagador	5
	<i>kynhmỹ tĩg (ja)fã</i> em cima andar/ir NMZ ¹¹	3	<i>apagar ke fã</i> apagar fazer NMZ	2
	urupranu/lipranu	4	<i>risa ke fã</i> lixa fazer NMZ	1
			<i>(tá) vėnh rá kukuĩ fã</i> IND.CIR livro/papel limpar NMZ	6
			<i>(tá) kukuĩ fã</i>	3

¹⁰ Esse número foi reduzido em relação à coleta realizada por conta da exclusão de distratores e de palavras para as quais as figuras apresentadas dificultaram o entendimento.

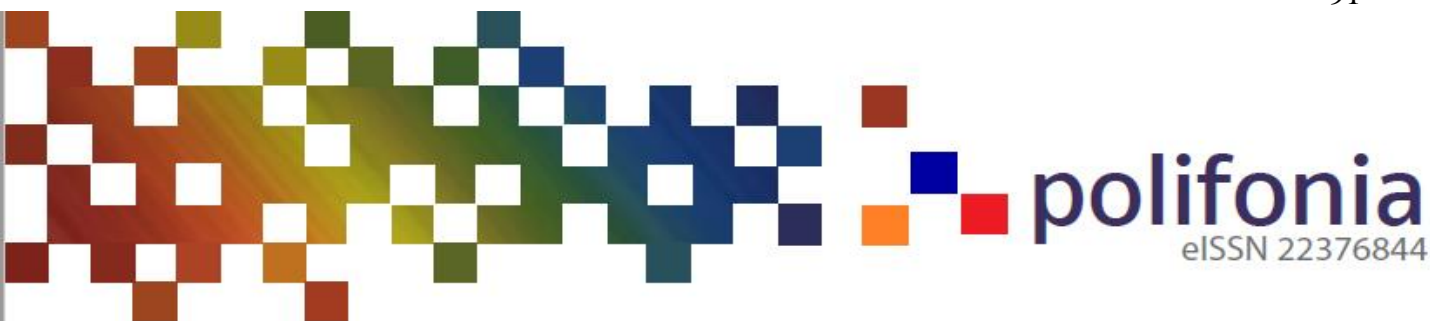
¹¹ Usaremos a abreviação NMZ para referir-se ao nominalizador.



		IND.CIR limpar NMZ <i>quadro kukuĩ fã</i> quadro limpar NMZ	1
Tipologia mais usada	Empréstimo direto (61%)	Criação endógena (72%)	

Podemos observar, com base nos exemplos acima, que há alternâncias não apenas entre os processos para o mesmo referente (*avião* e *kynhmỹ tĩg jafã* para ‘avião’), como também entre os recursos linguísticos utilizados dentro do mesmo processo para um único referente (*risa ke fã* e *tá kukuĩ fã* para ‘apagador’, por exemplo). Há, no entanto, casos em que ocorreu categoricamente uma única forma para determinados referentes, como os empréstimos adaptados *kãvãru* ‘cavalo’ ou *kasor* ‘cachorro’ (CS: Animais), ou mesmo criação endógena como *goj kron fã* para o referente ‘bebedouro’ (CS: Escola).

Vale destacar a polissemia encontrada no item *vẽnh rá kukuĩ fã*, que pode significar tanto ‘borracha’ quanto ‘apagador’. A resposta *vẽnh rá kukuĩ fã*, na tabela acima, com seis ocorrências para ‘apagador’, também foi encontrada para nomear o referente ‘borracha’ (CS: Escola), evidenciando-se um processo polissêmico em algumas criações endógenas, que possuem um carácter descritivo em sua composição. Em Kaingang, é muito comum ser levada em consideração a funcionalidade dos objetos para nomeá-los: tanto ‘apagador’ quanto ‘borracha’ servem para apagar (o que foi escrito). Se compararmos com o PB, por exemplo, a polissemia observada para ‘borracha’ é com o material do qual é feita. Esse tipo de observação (contrastiva), por indicar a cosmovisão do Kaingang, poderia fornecer subsídios para uma política linguística que privilegiasse e estimulasse a adoção de criações endógenas em detrimento do avanço de empréstimos do PB, sejam eles adaptados ou não.



Em linhas gerais, nossa pesquisa sobre as inovações lexicais tem buscado analisar se há uma variação estável entre as entradas dos empréstimos lexicais no Kaingang com as criações endógenas ou se está em algum estágio de mudança em curso.

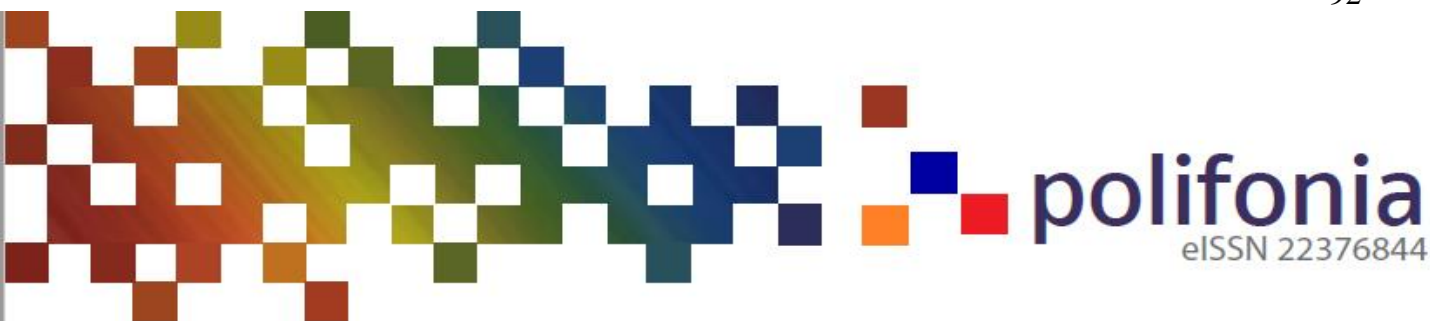
3.2. Análise histórica sobre o léxico Kaingang

A mudança lexical é inevitável, se considerarmos que “nenhuma língua existe de forma isolada. Todas as línguas em contato se influenciam mutuamente” (CRYSTAL, 2005, p. 53). Esse fato proporciona uma renovação constante no léxico de todas as línguas. Um caminho que também temos nos debruçado é tentar verificar mudanças no léxico da língua Kaingang, focando nos empréstimos e nas criações endógenas, a partir de uma perspectiva histórica. Para isso, temos selecionado itens lexicais que se encontram presentes em registros de viajantes, missionários, linguistas a partir dos primeiros contatos com a língua, registros estes publicados a partir do século XIX (D’ANGELIS, 2003).

A título de uma análise preliminar, traçamos um comparativo dos nossos dados coletados em 2016 e 2018 com a lista vocabular *Vocabulário da língua bugre* (1852), o *Diccionario Kainjgang-Portuguez/Portuguez-Kainjgang*, de Val Floriana (1920) e o *Dicionário Kaingang – Português/Português – Kaingang*, de Wiesemann (2002). Elencamos esses três trabalhos pela quantidade expressiva de vocábulos, embora os dados tenham sido coletados em diferentes locais: Wiesemann (2002) focou na variedade Kaingang do Paraná¹²; Val Floriana (1920) trabalhou os Kaingang de São Paulo e também do norte paranaense¹³. No caso do *Vocabulário da língua bugre* (1852) há uma hipótese de que seja um trabalho realizado com os Kaingang do Rio Grande do Sul. Conforme D’Angelis (2003, p. 5), “desconhecendo sua autoria, desconhece-se igualmente sua origem, ou seja, a aldeia ou aldeamento em que se falava o dialeto que ele registra”. No

¹² Wiesemann (2003, p. 8-9).

¹³ D’Angelis (2003, p. 24)



entanto, o autor levanta a hipótese desse vocabulário ter sido escrito, provavelmente, por um missionário, devido às referências a mandamentos e sacramentos. D'Angelis (2003, p. 5) atribui a autoria da obra ao Padre Francisco das Chagas Lima, uma vez que “as únicas missões entre os Kaingang na primeira metade do século XIX” foram feitas por ele, como também, sua “efêmera presença jesuítica junto aos Kaingang do norte do Rio Grande do Sul entre 1848 e 1850”. Dessa forma, o intuito dessa análise é verificar se os falantes manteriam ou se teriam novos itens vocabulares inseridos, a partir do contato. Assim poderemos observar se houve mudança lexical na variedade sobre a qual temos pesquisado.

Na seção seguinte, mostraremos a nossa tipologia das criações endógenas para, posteriormente, apresentar alguns resultados da análise histórica, partindo dos trabalhos considerados acima.

4. Tipologia das criações endógenas à luz dos dados Kaingang

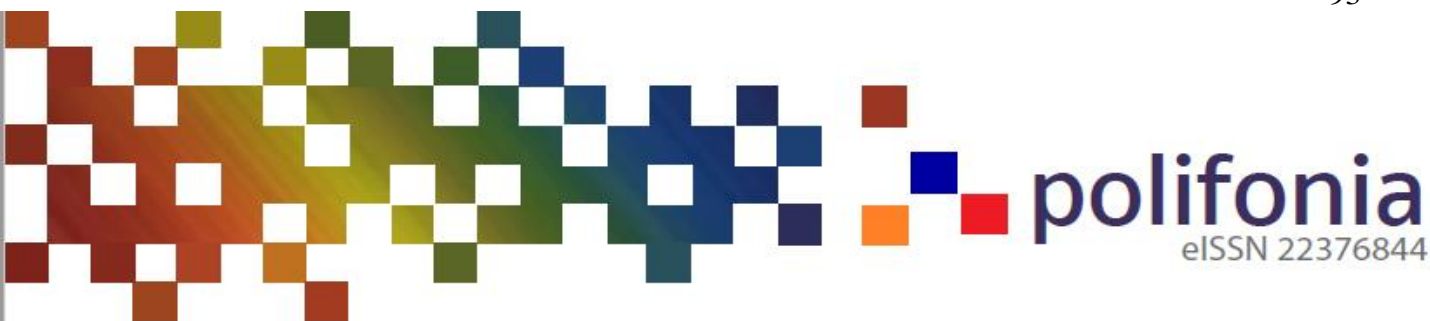
Apresentamos aqui a tipologia das criações endógenas (DAMULAKIS & SILVA, 2020) e suas constituições, com base nos dados com o Kaingang e também com exemplos de outras línguas indígenas. Em relação à composição interna das criações endógenas no Kaingang, podemos indicar a seguinte sistematização:

(a) Nome + Nome

kamĩjũ pãñ
 carro pé
 ‘pneu’ (tradução literal: ‘pé do carro’)

(b) Indicador de circunstância + Verbo + Nominalizador

tá kukũj fã
 IND. CIR limpar NMZ
 ‘apagador’



(c) (Indicador de circunstância) + Nome + Verbo + Nominalizador

(*tá*) *vênh rá* *kukũj* *fã*
 IND. CIR livro/papel limpar NMZ
 ‘apagador’

ĩn *prun* *fã*
 casa varrer NMZ
 ‘vassoura’

Essa constituição interna é a mais produtiva nos casos de criações endógenas e que está mais presente na classificação de potencial gramatical que apresentaremos a seguir.

4.1 Criação gramatical potencial

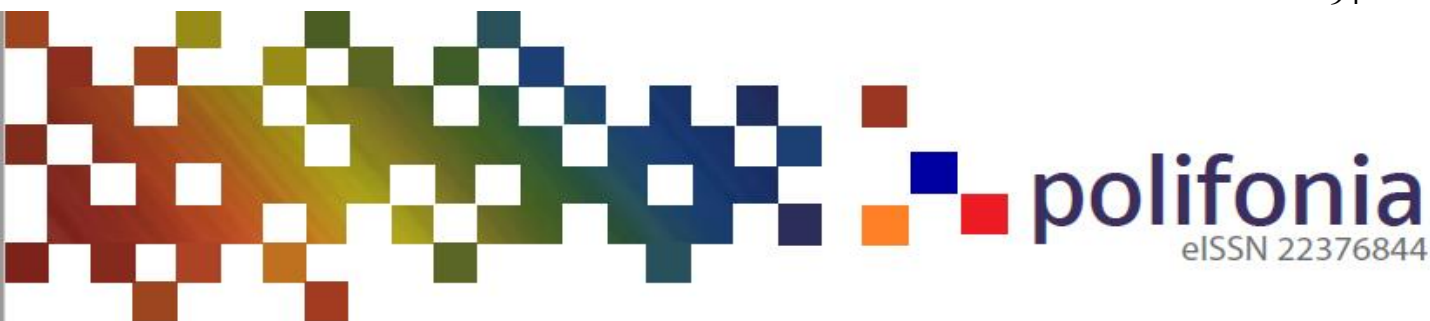
Nesse tipo de criação, ocorre que “a língua se utiliza de formações de palavras, que podem se dar a partir de recursos morfológicos ou sintáticos, por exemplo. Esse tipo de formação normalmente sinaliza padrões morfossintáticos recorrentes na língua” (DAMULAKIS & SILVA, 2020).

(1) *jěňky* *kusũg* *fã*
 boca avermelhar NMZ
 ‘batom’

(2) *jỹnkamy* *nĩm* *jafã*
 dinheiro guardar NMZ
 ‘cofre’

(3) *kaně kã* *fij* *fã*
 olho colocar NMZ
 ‘óculos’

Há uma característica desse tipo de criação que é o fato de ocorrer um carácter descritivo para nomear o referente. Além de ser um fator muito produtivo, em outras línguas indígenas também é possível observamos esse caso, como em outras pesquisas



como em Mesquita & Braggio (2012), Santos (2014) e Dourado & Praça (2016), nos exemplos abaixo.

Xerente (Jê Central)

(4) [ki - zεknẽ - zε]

água beber NMZ

‘copo’ (lit.: ‘bebedor de água’) (MESQUITA & BRAGGIO, 2012, p. 36)

Krahô (Jê Setentrional)

(5) mẽ hũpar xà

[mẽ hũpar ‘ʃʌ]

‘celular’ (lit.: coisa+ que ouve + instrumental - através de, meio) (SANTOS, 2014, p. 126)

Tapirapé (Tupí-Guaraní)

(6) pekãto

pe + kato

caminho + ser bom ‘asfalto’ (caminho bom) (DOURADO & PRAÇA, 2016, p.11)

4.2 Criação por metáfora

Esse tipo de criação ocorre a partir de itens já existentes na língua, por meio de um processo de semelhança entre o item nomeado e a formação. No Kaingang, para nomear o referente ‘pneu’ (CS: Transporte), foi utilizado o termo *kamĩjũ pãn*¹⁴ (trad. lit.: ‘pé do carro’). Podemos observar outros exemplos em outras línguas, como a seguir:

Xerente (Jê Central)

(7) [arbɔ - pa(h)i]

morcego asa

‘guarda-chuva’ (lit.: ‘asa de morcego’) (MESQUITA & BRAGGIO, 2012, p. 35)

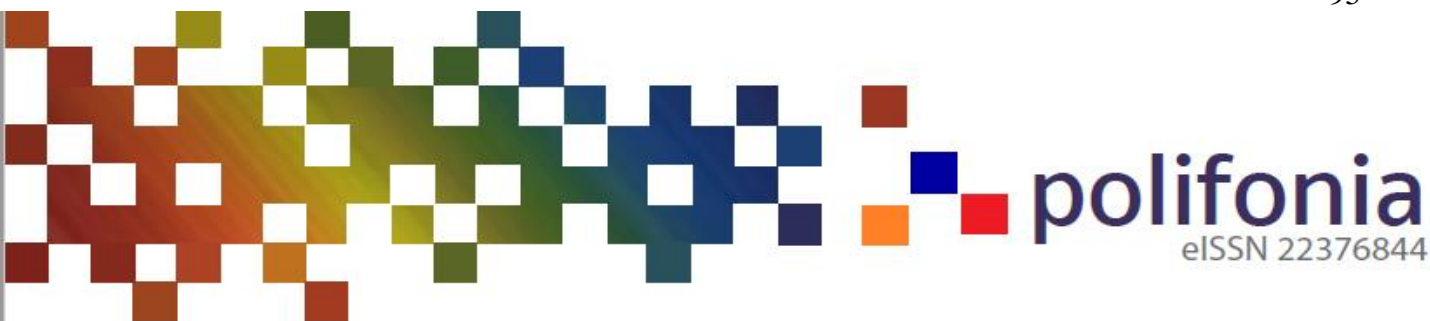
Krahô (Jê Setentrional)

(8) cawar cahacre

[kavar kafia'krɛ]

‘bicicleta’ (lit.: cavalo/que anda) (SANTOS, 2014, p. 125)

¹⁴ Note-se que *kamĩjũ* (> ‘caminhão’) é, em si, um empréstimo lexical, adaptado. Ao criar “*kamĩjũ pãn*”, entretanto, o falante contorna a possibilidade de incorporar ao léxico mais um item (pneu).



Guarani Ñadeva (Tupí-Guaraní)

(9) *tenda pya'é*

cavalo rápido

'moto' ("cavalo rápido") (BRAZ & TAVARES, 2015, p. 11)

4.3 Criação por metonímia

Esse tipo ocorre quando o item já existente na língua passa a abranger mais um significado, a do item de nova indicação, como observamos no Kaingang, a partir do exemplo *pénky*. No dicionário Wiesemann (2002), esse termo aparece como entrada para nomear 'tigela', 'bacia', 'vasilha'. Nos nossos resultados, *pénky* é usado em totalidade para nomear o termo 'prato'. Isso mostra, assim, que esse tipo de criação é por uma metonímia interna à língua, que leva o termo *pénky* a abarcar o referente 'prato'.

5. Criações endógenas e empréstimos em perspectiva histórica

Como exposto, a análise histórica que temos tentado construir é a partir da comparação dos nossos dados coletados em 2016 e 2018, com a lista vocabular *Vocabulário da língua bugre*¹⁵ (1852), *Diccionario Kainjgang-Portuguez/Portuguez-Kainjgang*, de Val Florianiana (1920) e o *Dicionário Kaingang – Português/Português – Kaingang*, de Wiesemann (2002). Para este recorte, apresentamos os resultados e observamos a respeito de 4 (quatro) glosas: 'espelho', 'chapéu', 'livro' e 'cavalo'.

¹⁵ Usaremos a nomenclatura 'VLB' no quadro comparativo para a lista de palavras de *Vocabulário da língua bugre* (1852).

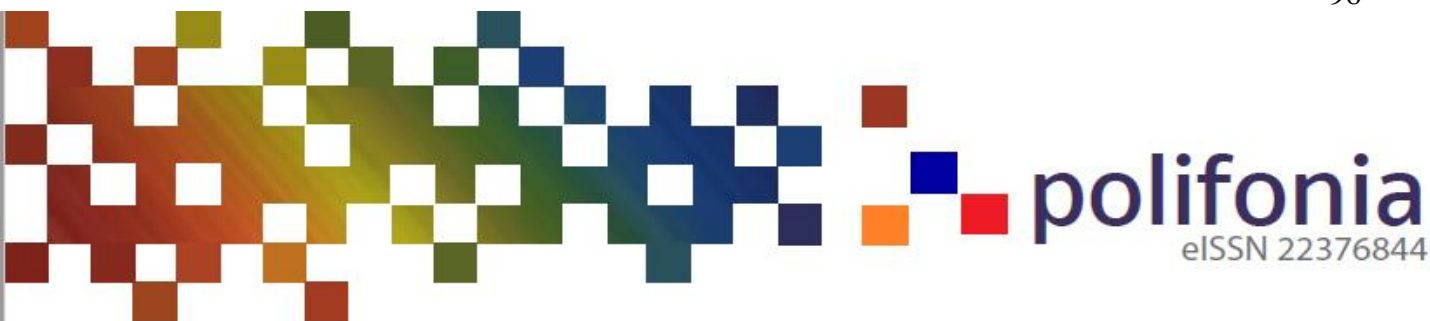


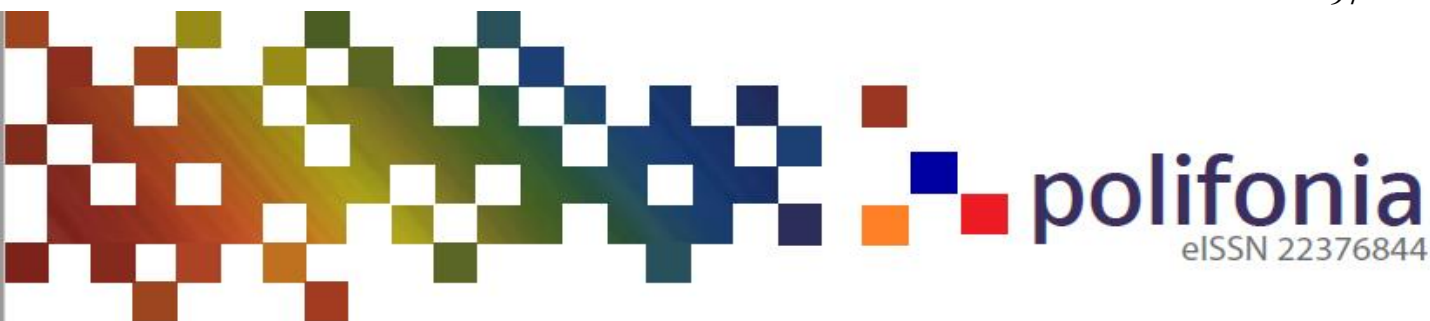
Tabela 3: Comparação dos termos ‘espelho’, ‘chapéu’, ‘livro’ e ‘cavalo’ encontrados em registros vocabulares do Kaingang

Glosa	VLB (1852)	Val Florianiana (1920)	Wiesemann (2002)	Nossos dados (2016/2018)
‘espelho’	venveya (p. 68)	vaivéie (p. 249)	-	vênh veja
‘chapéu’	crimeritaoka (p. 65)	krintáve, klintáve, xampé (p. 236)	sâpe (p. 112)	sâpe
‘livro’	paperen ou rivo-ro (p. 71)	vainro’ (p. 200)	vênh rá (p. 130)	livro
‘cavalo’	queveru (p. 64)	kavarú (p. 236)	kāvãru (p. 111)	kāvãru

Com base nessa análise contrastiva, é possível levantar algumas considerações sobre (a direcionalidade da) mudança lexical no Kaingang, em relação aos empréstimos e as criações endógenas em competição.

a) Criações endógenas para empréstimos lexicais

Essa mudança pode ser vista no caso de ‘chapéu’. Em VLB (1852), o verbete só aponta uma tradução para o Kaingang como *crimeritaoka* que, apesar de não conseguirmos interpretar a tradução em sua totalidade, é possível interpretar *crim* como ‘cabeça’. Essa interpretação pode ser reforçada com o Val Florianiana (1920), o qual registra para o mesmo vocábulo ‘*krintáve*’ e ‘*klintáve*’, “*chapéu - krin ta, na cabeça, ve, está. Tampa de caldeira, etc.*” (VAL FLORIANA, 1920, p. 65). Um ponto-chave que parece mostrar-nos uma possível transição linguística com a ocorrência de variação entre criação endógena e empréstimo é o fato também de incluir como tradução o empréstimo *xampé*, correspondendo mais claramente com o registro em Wiesemann (2002) e nosso levantamento (*sâpe*). Podemos, então, apontar como hipótese que itens que começaram como criações endógenas (1852: *crimeritaoka*) passaram por um estágio de competição



com empréstimos lexicais (1920: *krintáve/klintáve* ~ *xampé*), antes de serem completamente substituídos por empréstimos (*sãpe* [ʃã'pe]).

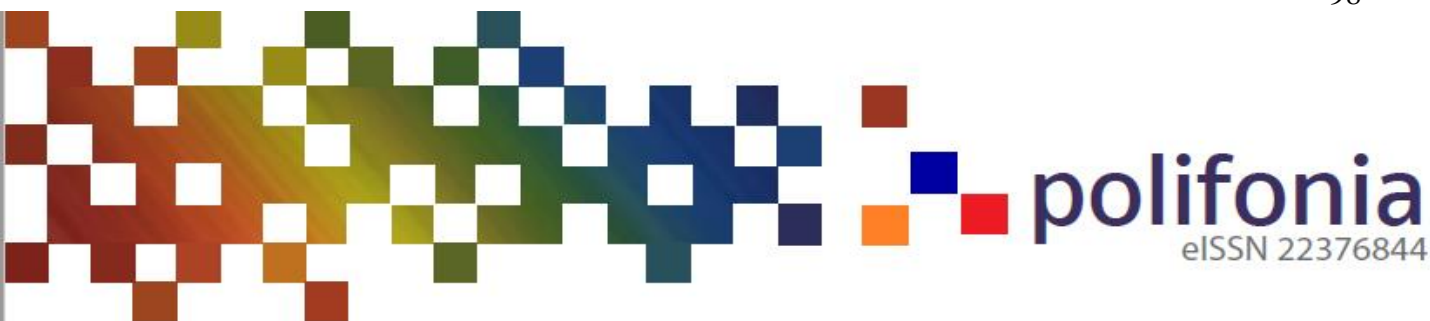
b) Cristalização de empréstimos lexicais

Podemos ver que a entrada do referente 'cavalo' não obteve mudança em relação aos processos de inovação lexical, permanecendo como um empréstimo adaptado fonético-fonologicamente, como ocorreram em nossos dados em *kasor* [ka'ʃor] para 'cachorro' e *monh* ['boɲ] para 'boi' (DAMULAKIS & SILVA, 2020). Essa constatação corrobora a nossa análise em tempo aparente, uma vez que os dados em CS Animais ocorreram majoritariamente com empréstimos lexicais. Motiva-nos a acreditar que são entradas que se cristalizaram no léxico do Kaingang. Parece sintomático o fato de não ter sido encontrado ainda o percurso inverso, ou seja, que um termo tenha sido registrado primeiro como empréstimo lexical (EL) e depois como criação endógena (CE). Dessa forma, parece-nos que a direcionalidade CE → EL é, até certo ponto, mais espontânea em situações de contato que a EL → CE, sendo esta advinda a partir de política linguística.

c) Cristalização de criações endógenas

Também podemos notar um processo de cristalização com as criações endógenas, como por exemplo, em 'espelho', com o termo *věnh veja* (lit.: algo para se olhar). No entanto, em Wiesemann (2002), *věñ ven ja* refere-se ao termo 'o guarda-chuva/guarda-sol' (WIESEMANN, p. 173), mas na nossa pesquisa *vānh kri ven ja*. O que ambos os casos apresentam é o nominalizador 'ja', o qual somente apareceu nessas criações endógenas nos nossos dados, uma vez que houve uma maior recorrência da partícula 'fã' para as nominalizações de criações potencial gramatical (SILVA, 2017, p. 26).

d) Empréstimo em variação com criação

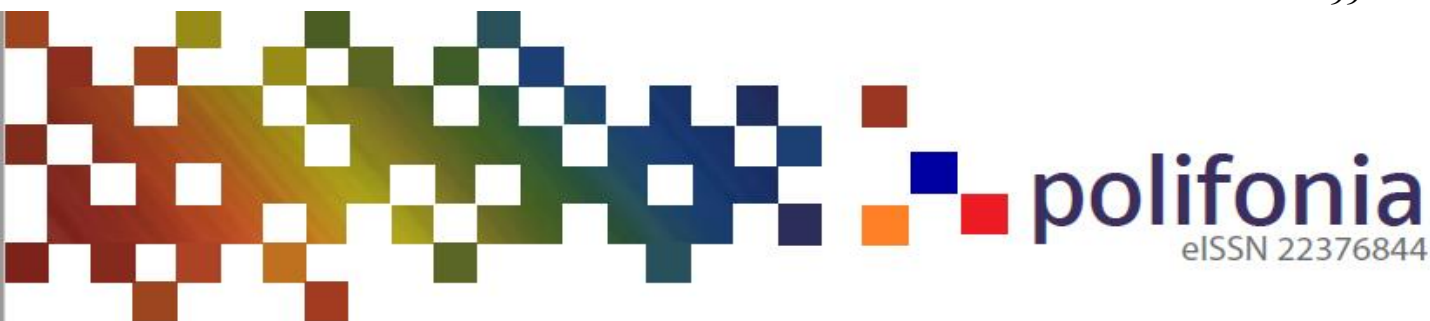


Itens como ‘livro’ mostram-nos variação lexical. Neste caso, desde VLB (1952) é evidenciado dois tipos de empréstimo adaptados *paperen* ou *rivoro*, mas já em registros como criação ‘*věnh rá*’ como entrada no dicionário em Val Floriania (1920) e Wiesemann (2002).

Entretanto, em Wiesemann (2002), ao observar exemplos em outros verbetes, é possível constatar registros de empréstimo não adaptado em sentenças, como “*Ā m̃y livro tag kygĩam m̃y? Você vai pagar estes livros?*” (WIESEMANN, 2002, p. 57), como também a criação endógena em “*Věnh rá pãnfĩ ra! Empilhe os livros!*” (WIESEMANN, 2002, p. 71). A missionária afirma que alguns empréstimos do português “foram incluídos no dicionário, outros encontram-se nos exemplos na sua grafia da língua portuguesa” (WIESEMANN, 2002, p. 8). Esse parece ser o caso do referente ‘livro’ que aparece nos exemplos em Kaingang, mesmo sem ter recebido uma entrada no dicionário, o que indica ter uso recorrente na fala. Se essa hipótese estiver correta, esse item reforma a competição entre criações endógenas e empréstimos lexicais como visto na tabela 3.

Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos uma tipologia das criações endógenas (DAMULAKIS & SILVA, 2020) e uma análise preliminar das criações endógenas e empréstimos lexicais em competição a partir de uma perspectiva histórica, por meio de uma comparação com registros sobre a língua Kaingang e nossos dados. Com base nos exemplos examinados, observamos algumas mudanças lexicais, a partir das quais podemos notar que há cristalização ora de empréstimos adaptados, ora de criações endógenas, bem como mudanças de uso dos processos de inovação lexical. Esse mapeamento nos permite aprofundar em questionamentos, como, se há uma recorrência de mudanças e/ou de permanências dos processos em campos semânticos específicos, por exemplo.



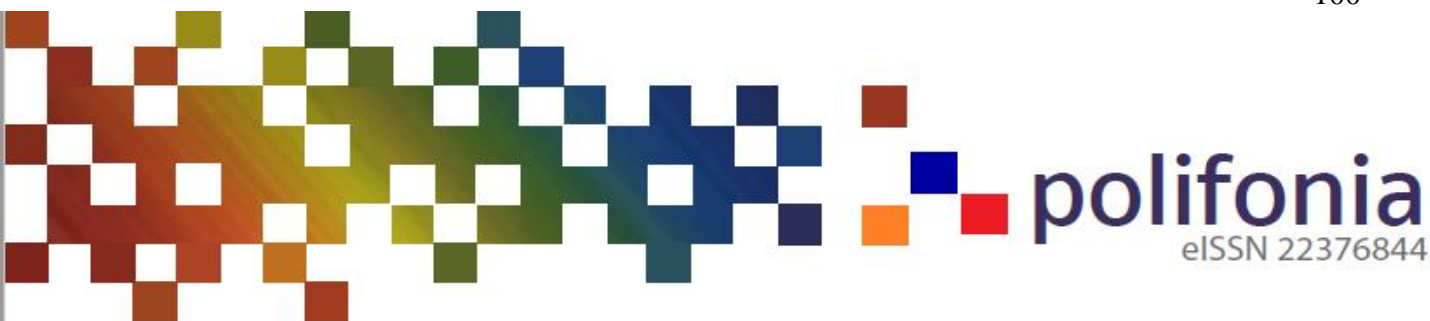
O que podemos constatar é que de fato as criações endógenas constituem um processo produtivo e de uma riqueza gramatical que reflete a cosmovisão dos falantes da língua, merecendo, assim, um espaço em discussões a respeito de políticas linguísticas entre os Kaingang, assim como entre as suas comunidades escolares. Há muitas possibilidades de criações endógenas que poderiam estar registradas em dicionários mais atualizados sobre a língua, de maneira a disseminar o uso desse processo. Ainda sobre o registro (e divulgação na escola etc.), critérios poderiam ser estabelecidos pelos falantes sobre qual ou quais deveriam ser registrados, nos casos de competição dentro do mesmo processo (vejam-se as cinco possibilidades de criações para o item ‘apagador’, por exemplo, na Tabela 2).

Além disso, é preciso observar a aceitabilidade do uso das criações pela comunidade linguística ou mesmo o incentivo ao uso como forma de identificação da própria língua/cultura, como os Tapirapé têm feito (DOURADO & PRAÇA, 2016). Assim como observado entre os Tapirapé, os Kaingang mais velhos costumam usar mais criações endógenas aos referentes que foram sendo inseridos no universo indígena, devido ao contato com não-indígenas. Seria possível considerar que os mais velhos, na maior parte dos casos detentores de valores culturais mais tradicionais, costumam ser mais resistentes aos empréstimos.

Tornar consciente a inovação lexical, a partir das criações endógenas entre os Kaingang e torná-las um trabalho pedagógico para a sistematização de seus usos pode servir como um ato de resistência e de preservação da identidade indígena através do léxico, promovendo, assim, uma atitude linguística que poderá deixar mais como segunda alternativa a escolha imediata de empréstimos não adaptados do PB.

Referências

ANÔNIMO. Vocabulário da língua bugre. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, tomo XV, n. 5, p. 60-77. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1852.



BIDERMAN, M T. C. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DAMULAKIS, G. N. & SILVA, F. A. da. Notas sobre empréstimos linguísticos e criações endógenas no Kaingang. In: Marcelo Silveira; Maria José Guerra; Ludoviko dos Santos (Org.). *Macro-Jê: língua, cultura e reflexões*. Londrina: Eduel, 2020, p. 337-354.

D'ANGELIS, W. R. *Primeiro século de registro da língua (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica*. Campinas, SP: Portal Kaingang [www.portalkaingang.org], 2003. (Artigo publicado em website). Disponível em <<http://www.portalkaingang.org/Primeiros100anos.pdf>> Acesso em: 19 de julho de 2020.

_____. *Panorama da história Kaingang*. Disponível em: <http://www.portalkaingang.org/index_historia_1.htm>. Acesso em: 19 de julho de 2020.

GONÇALVES, S. A. Algumas considerações sobre Modo e Modalidade na língua Kaingang Sul (Jê). *Estudos linguísticos*. São Paulo, v. 40, p. 338-350, 2011.

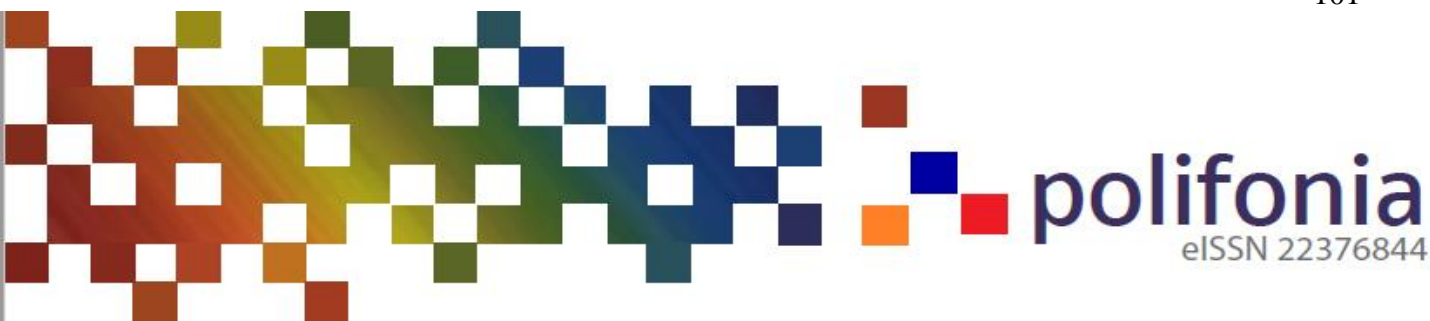
HASPELMATH, M. & TADMOR, U. *Loanwords in the World's Languages: A Comparative Handbook*. Berlin: De Gruyter Mouton. 2009.

MESQUITA, R. *Empréstimos Linguísticos do Português em Xerente-Akwe*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2009.

MESQUITA, R. ; BRAGGIO, S. L. B. . Empréstimos semânticos do português em xerente akwe: um olhar etnossintático. *NOME - Revista de Letras*, v.1, p. 26-44, 2012.

MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística – tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, M. C. A.; DUARTE, M. E. L. (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.



PRAÇA, W. N.; DOURADO, K. . Os *Ãpyãwa* (Tapirapé), os neologismos e a escola indígena: políticas linguísticas em resposta ao etnocídio. *Revista Letra Capital*, v. 1, n. 1, p. 1-22, 2016.

RODRIGUES, A. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SANTOS, M. A. *Contato de línguas: atitudes dos Krahô em relação ao bilinguismo e os empréstimos linguísticos do Português*. 164f. Dissertação (Mestrado em Letras: ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, TO, 2014.

SILVA, F. A. *Processos de inovações lexicais no Kaingang em consequência do contato com o português brasileiro*. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, F. A. & DAMULAKIS, G. N. Lexical amplification in Kaingang stimulated by contact with Brazilian Portuguese. In: *Kawsaxkuna: The University of Toronto Journal of Latin American Studies*. v. 1, p. 16 – 23, 2017.

TAVARES, M.; BRAZ, P. Procedimentos de nomeação de novos referentes introduzidos nas culturas Guarani e Kaiowá. *ArReDia*, v. 4, p. 1-23, 2015.

TROUCHE, L. M. G. O Marquês de Pombal e a implantação da Língua Portuguesa no Brasil: reflexões sobre o Diretório de 1757. In: *Cadernos de Letras da UFF*. Niterói, n.1. p. 97-110, 2001.

WEINREICH, W.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

WIESEMANN, U. *Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng*. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics, 2002 [1972].

VAL FLORIANA, M. B. . *Diccionarios Kainjgang-Portuguez e Portuguez-Kainjgang*. Revista do Museu Paulista. São Paulo, vol. 12, p. 1-392, 1920.